



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA  
RITABOAS  
FESTAS

Meus meninos:

**S**INTO pulsar os vossos corações, num alegre alvoroço, pela quadra maravilhosa do Natal.

Os vossos olhos, dois olhinhos irrequietos e curiosos, são pequenos para a infinidade de brinquedos que enchem as montras, rutilantes da Baixa!

Pelas ruas, vendedeiras ambulantes, ajoujadas ao pêso dos longos cestos de verga, exibem um amontoado de bonecos garridos, engraçados na sua ingenuidade e que fazem voltar a cabeça a todos os pequenitos que passam.

E o sonho lindo da Noite de Natal?! À meia noite em ponto, enquanto tudo dorme, o simpático velhinho de longas barbas brancas, virá, cautelosamente, encher, com belos presentes, os sapatinhos dos mais pequenos habitantes da casa!

Mas sabem os meus queridos amiguinhos o que é preciso fazer para que os vossos sapatinhos apareçam recheados de brinquedos? Não basta deixá-los sobre a chaminé e aguardar

(Continua na página 6)



# CONTO de NATAL POR MANUEL FERREIRA

**Q**UAL a maneira de realizar o Natal do escoteiro? — dizia, repetidas vezes, o bom Anibal, no dia consagrado ao Deus-Menino.

Começou a pensar. De facto, não havia, naquele momento, oportunidade para pôr em prática o seu plano. Se bem que, todos os dias, no cumprimento dos seus deveres escotistas, cometesse uma boa acção, todavia, nesse dia tão festejado, desejava fazer alguma cousa de novo.

Safu para admirar as mentras, onde junto de pinheiros iluminados, os doces e os bólos despertavam a cobiça dos rapasitos da rua.

Nisto, viu um bando de garotos. E, um deles, disse, dirigindo-se aos outros:

— Vocês vêm ali aquele rapaz?... É escoteiro. Não sei para que servirá «aquilo», aquele fato tão exquisto, aquela maneira de eles andarem...

O rapasito, a quem os outros designavam por Luis, passou perto de Anibal. Este perguntou-lhe:

— Olha lá, mas tu sabes o que é ser escoteiro?

— Se quere que lhe diga, não sei — tartamudeou o garoto — mas tenho ouvido dizer que são rapazes que vão aos domingos passar o dia no campo.

— Ora venham comigo! — disse Anibal.

Os rapazes seguiram o escoteiro. Este entrou na sede, que era ali próxima, indicou, aos rapazes, bancos para se sentarem e começou:

— Manhazinha cedo, o escoteiro vai para o campo, pela estrada fora, enquanto a passarada o saúda. Canta lindas canções. Às vezes vêm nascer o sol. Vocês já admiraram esse lindo espectáculo?

— Não. A gente levanta-se às 9 horas! — respondeu um dos garotos.

— Tudo está verde, orvalhado, o céu muito limpo e azul. Umaz vezes acampam no mato, de baixo de arvoredos, outras, junto do oceano. Ao centro,

põem a bandeira, que é o altar da Pátria, ao qual os escoteiros elevam as suas orações. Fazem a comida...

— A comida? — perguntou o Luis, admirado.

— Sim, a comida. Passam dias e noites a vida ao ar livre. Jogam, correm e saltam, nas horas vagas.

— Que mais fazem eles? — perguntou outro rapasito, interessado.



— Constroem pontes, acendem o lume, sobem às árvores, não para arrancar os ninhos mas para verem o horizonte, conhecem os hábitos dos animais e das plantas. Lá longe, os escoteiros comunicam uns com os outros, com sinais e apitos. Seguem caminhos, guiados pelas estrelas ou pelo sol. Sabem desenhar, colleccionar, remar...

— Que mais? — perguntou o Luis.

— Conhecem os animais pelas pegadas, as árvores pelas folhas, as plantas úteis e as venenosas. Por tudo isto, o escoteiro tem saúde, força e energia, está «álerta», «sempre pronto» para praticar o Bem. Auxilia, aconselha.

O escoteiro é verdadeiro e leal, todos os dias pratica uma boa acção. Conhece bem o seu País, a sua organização e a sua História. Ama a sua terra e adora-a, quando, nas noites de luar, contempla a Natureza. No Escotismo está sempre um por todos e estão todos por um.

Olhem lá, vocês andam na Escola?

— Andamos — responderam os rapazes, em côro.

— Pois bem — continuou, satisfeito Anibal. — Na Escola conhecem as estrélas, pelos livros, e decoram-nas; no escotismo, vão por um caminho fora, de noite, e têm de se saber orientar por elas. Na Escola, aprendem a prestar socorros; no campo, sabem socorrer um camarada ferido, fazer uma ligadura com o lenço, uma cama com as varas e as blusas. Na Escola conhecem o desenho e os trabalhos manuais; na sede escotista, sabem carpintear varas e estacas, e no campo, desenhar do natural, uma árvore, um moinho ou um bicharoco. No recreio da Escola, vocês jogam ao «xeixo» e às corridas; no escotismo, aprendem a ver sem ser vistos, a ouvir as passadas, a levar um recado, de umas tantas palavras, a uma certa distância. Na Escola, precisam de memória para aprender as lições; no escotismo, desenvolve-se a memória com jogos, descrições e responsabilidades.

Mas, acima de tudo, o escotismo desenvolve hábitos de grandeza moral com o seu lindo código de honra. Na Escola, os meninos aprendem na História de Portugal, a conhecer, mais ou menos, os vultos de outrora; no es-

(Continua na página 7)

apresentou, a dentadura de tal brancura, que o mestre Escama, pronto exclama, aparvalhado, admirado:

— «Não sei se devo acreditar num caso, assim, tão singular!

Com prudência, com paciência, examinou e reparou que o que ela tinha, a tal galinha, era um dente, muito doente. Em tão mau estado, tão cariado que, com cuidado, lho extraiu e nem sequer ela boliu!

E depois, aliviada, largou logo esta piada:

— «Apare aí, senhor doutor!»

Com um jeito e um trajeito, deu ao corpo um safanão.

De roldão, um ovo saiu e vai, caiu nas mãos do esfomeado que o recebeu de bem bom grado!

— «Sem enxovalho, essa é a paga do seu trabalho!» — diz a galinha, muito tolinha, com ar pedante, muito importante.

O bom papalvo olhou para o ovo que era tão

alvo, e como o consome já muita fome, pronto o partiu e o enguliu.

Mas a suar, a blasfemar, teve logo de o vomitar!

O tal presente, de paga ao dente, o tal ovinho tão bonitinho, tão cobiçado, estava estragado!

Indignado, o desgraçado, numa agonia, assim gemia:

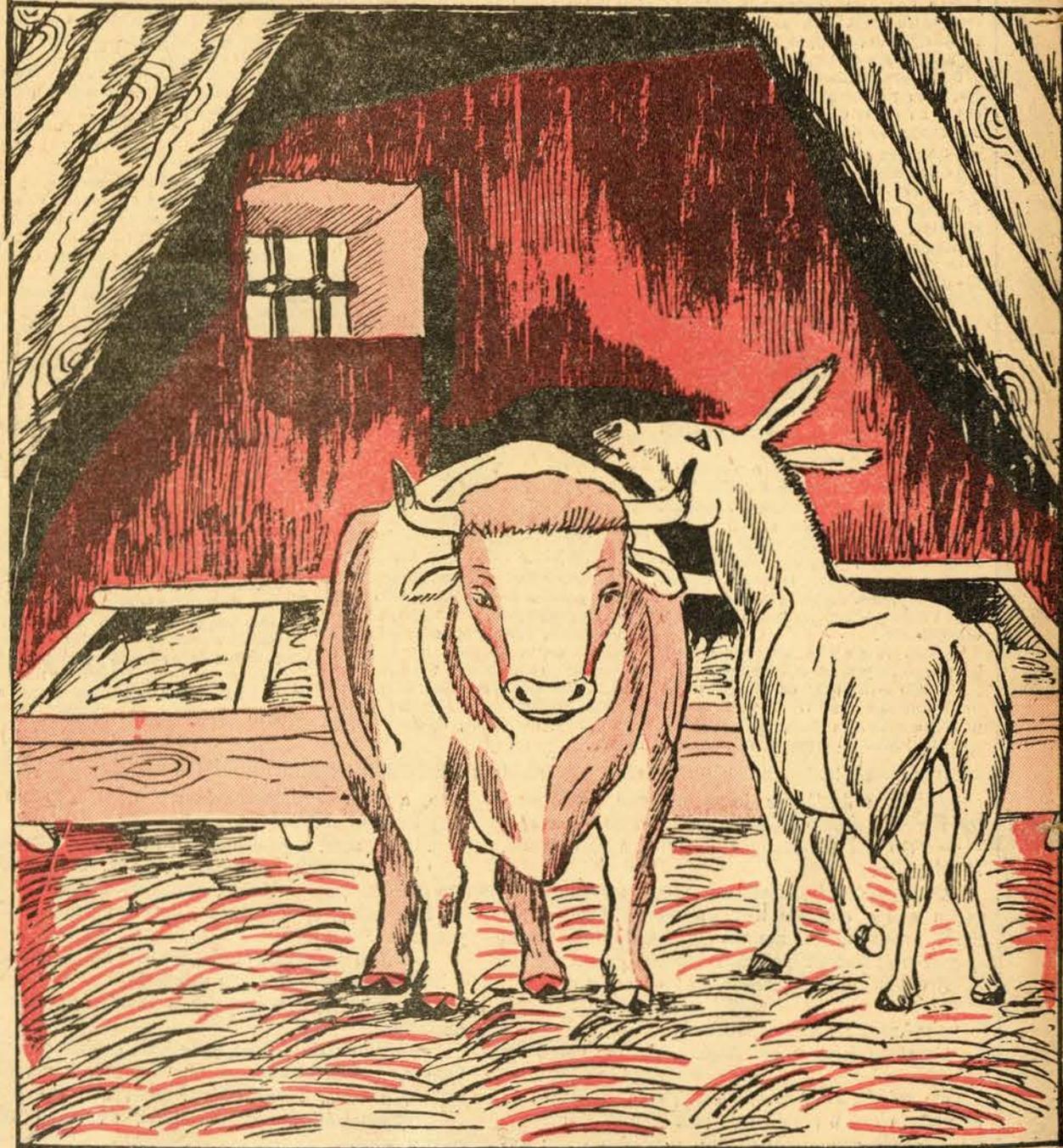
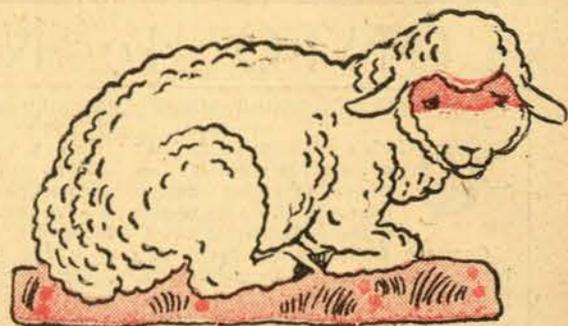
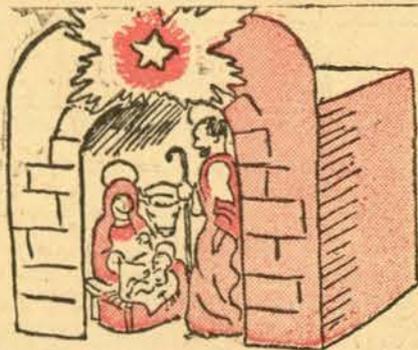
— O ovo é mau! Se eu tivesse aqui um pau, perdia a linha e era uma vez uma galinha!

Num motejo, num cacarejo, a cliente, irreverente, exclamou:

— «Ah! querias, então, ó Boticão, encher o ôdre? Que eu te entregasse, que eu te ofertasse um ovo fresco, por um dente pôdre? Mas que usurário! Mas que falsário! — e, desabrida, caminhou logo para a saída.

Desde esse dia, por picardia, o consultório ficou fechado e ninguém sabe, no povoado, o que foi feito do tal dentista, tão fatalista!

27



# PRESEPIO

CONSTRUÇÃO  
PARA ARMAR

OFERTA

DO

«PIM-PAM-PUM»



# BOAS-FESTAS — (Continuação da página 1)



ansiosamente, o raiar do dia. Não basta, também, pedir, fervorosamente, ao Menino-Jesus!

O que é preciso é proceder sempre bem, ser cumpridor dos seus deveres, amar os Paizinhos, respeitar os velhos, tratar com delicadeza os criados, socorrer os pobresinhos, ser estudioso, caritativo, respeitador e obediente.

O menino-Jesus está espreitando por uma janelinha que há no Céu, e dela vai observando os senti-

mentos e as acções dos Meninos da Terra.

Sêde bons, por amor d'Ele, e vereis, na radiosa manhã do dia de Natal, os sapatinhos cheios de brinquedos e a Alma trasbordando de suave e consoladora Alegria.

A todos, num grande e amigo abraço, deseja Bóas Festas

a madrinha

GRACIETTE BRANCO

## ADIVINHA CONTO DE NATAL

(Conclusão da página 3)



Esta ovelhinha gorda está prestes a ser comida por um lobo. Vejam se descobrem este e a salvam.

cotismo, em cada artigo da «lei» há um exemplo e, cada rapaz procura imitar esse exemplo, para poder vir a ser um Grande de Portugal.

Os rapazes já não saíram da séde sem levarem propostas para escoteiros. Anibal saiu, pouco depois, meditando no caso que lhe deparou uma oportunidade para fazer uma boa acção.

E quando os rapazes prestaram o seu «compromisso», Anibal lembrou, com entusiasmo, o encontro, inesperado, desse dia de Natal.



## Oração ao Menino Jesus

Para a Maria Helena resar

**M**EU bom Menino Jesus  
Enche a minh'alma de luz  
Deslumbradora, sublime,  
Que irradia o teu olhar.  
Dessa luz doce, sem par,  
Que nos salva e nos redime,

Espalha por sôbre mim  
Tua ternura sem fim.  
Vela pela minha sorte,  
P'ra que minh'alma inocente  
Se conserve sempre crente  
Até à hora da morte.

Nesta alma ainda em botão,  
Dentro do meu coração,  
Entorna, por caridade,  
Bons sentimentos, candura,  
Um pouquito da doçura,  
Da tua imensa bondade.

Torna-me meiga e bondosa,  
Pura, leal, carinhosa,  
Esmoler, compadecida;  
O meu coração inunda  
Duma fé real, profunda,  
Que me acompanhe na vida!

Que sois, faz-me compreender,  
Tudo quanto pode haver  
De bom, de belo, de santo;  
Que não sou nada, sei bem,  
Mas faz-me sentir também  
Com o teu suave encanto.

Dá ao meu corpo saúde,  
Ao meu coração, virtude,  
Protege todos os meus.  
Da minha vida enche a taça  
Com os dons da tua Graça,  
Ergue a minh'alma até Deus.

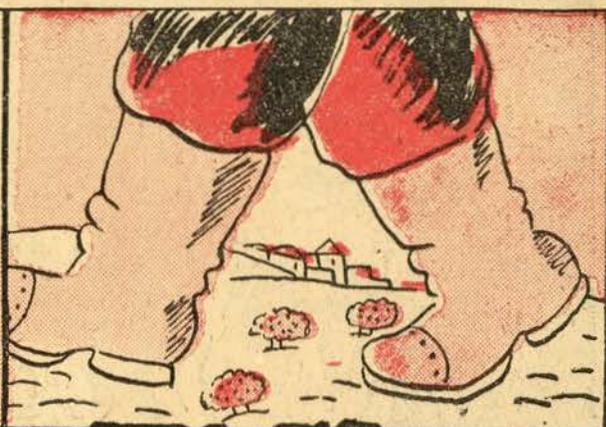
F I M

NECO

# A AMBIÇÃO DO CHIQUINHO



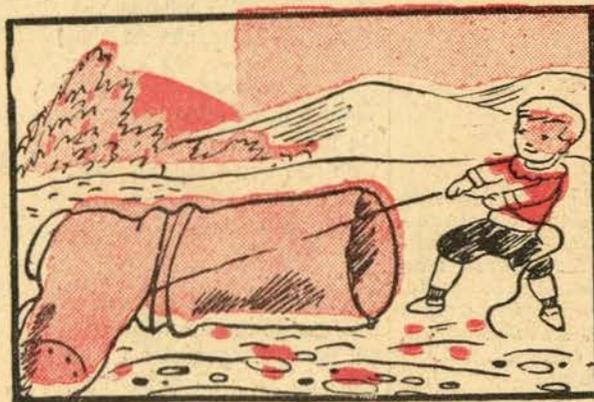
I — O caseiro do papá do Chiquinho Pais Ventura, pesa perto de cem quilos e tem dois metros de altura.



II — Sabendo o nosso Chiquinho que, baixando às chaminés, Jesus poria brinquedos nos sapatos dos bebés,



III — por um processo parrano o Chiquinho surripia uma das botas de cano do caseiro que dormia.



IV — E, levando-a para casa, coloca-a junto ao fogão, certo de que o Pai Natal lhe daria um «presentão».

V — Mas, dentro da grande bota, Pai Natal deixa, porém, um papel com esta nota:  
— *Quem tudo quer', nada tem!*